



**Universidade Federal de Santa Maria
Educação a Distância da UFSM – EAD
Universidade Aberta do Brasil
Pós-Graduação em Gestão Pública Municipal
Polo de Educação Superior de Jacuizinho**

**A MIGRAÇÃO DOS JOVENS DO MUNICÍPIO DE JACUIZINHO PARA OS
GRANDES CENTROS: CAUSAS X REFLEXOS X ALTERNATIVAS**

Artigo de Conclusão de Curso

Jaqueline Konzen de Oliveira

**Jacuizinho, RS, Brasil
2012**

A MIGRAÇÃO DOS JOVENS DO MUNICÍPIO DE JACUIZINHO PARA OS GRANDES CENTROS: CAUSAS X REFLEXOS X ALTERNATIVAS

MIGRATION OF THE CITY OF YOUNG JACUIZINHO FOR MAJOR CENTRES: CAUSES X CONSEQUENCES X ALTERNATIVES

Jaqueline Konzen de Oliveira¹

Reisoli Bender Filho²

Resumo: É comum nos dias atuais, a migração dos jovens de pequenas cidades para os grandes centros, fato que vem acontecendo há vários anos, porém não se tem pesquisas amostrais nos censos, identifiquem os reais motivos para essas migrações. Embora presente em estudos de natureza qualitativa, as razões pessoais de migração foram apresentadas em raras oportunidades como os reportados em Patarra et al. (1997). Há duas possíveis causas para esse fato. De um lado, teorias interpretativas do fenômeno migratório como resultado dos desequilíbrios regionais dos fatores de produção em especial, do trabalho, de outro, há a regularidade do padrão etário dos migrantes que em geral são jovens, sobretudo homens de 15 a 25 anos de idade. Tendo em vista esses fatores o presente estudo buscou identificar os motivos que levam os jovens tanto da zona rural quanto da zona urbana, a migrar do município de Jacuizinho, para outros municípios ou ainda para grandes centros, identificando também os reflexos dessa migração para o município e apontando possíveis alternativas para o problema.

Palavras-Chave: jovens, migração, emprego, Jacuizinho

Abstract: It is common nowadays, the migration of young people from small towns to big cities, a fact that has been happening for several years, but did not have senses in sample surveys, identify the real reasons for these migrations. Although present in qualitative studies, the personal reasons for migration were presented rare opportunities as reported in Patarra et al. (1997). There are two possible causes for this. On one hand, interpretive theories of migration as a result of regional imbalances in factors of production in particular, work on the other, there is the regularity of the age pattern of migrants who are usually young people, especially males aged 15 to 25 years old. Considering these factors, the present study seeks to identify the reasons why the youth of both the rural and the urban area of the municipality of Jacuizinho migrate to other cities or even to large centers, also identifying the effects of this migration to the city and pointing out possible alternatives to the problem.

Keywords: young, migration, employment, Jacuizinho

¹ Pós-Graduanda do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública Municipal – Universidade Federal de Santa Maria, jaqueline.konzendeoliveira@gmail.com

² Orientador. Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública Municipal – Universidade Federal de Santa Maria.

1 INTRODUÇÃO

Muito mais do que criar raízes no seu lugar materno é criar expectativas melhores de vida, trabalho e profissionalização. E isto faz com que haja uma busca constante e através de uma idealização passe por mudanças na busca de alcançar novos rumos, seguindo seus objetivos que surgem da necessidade de satisfação pessoal e profissional.

É comum nos dias atuais, a migração dos jovens de pequenas cidades para os grandes centros, porém ainda são reduzidas e incipientes as pesquisas no Brasil que indicam os reais motivos para esse fenômeno. Embora presente em estudos de natureza qualitativa, as razões pessoais de migração foram apresentadas em raras oportunidades como as reportados em Patarra *et al.* (1997). Há duas possíveis causas para esse fato. De um lado, as teorias interpretativas do fenômeno migratório como resultado dos desequilíbrios regionais dos fatores de produção em especial, do trabalho; de outro, há a regularidade do padrão etário dos migrantes que em geral são jovens, sobretudo homens de quinze a vinte e anos de idade.

Este tipo de migração, caracterizada por Pierre George (1973, p. 104) como migração temporária de trabalhadores e não de população, por não haver de fato uma transferência de população de um lugar para outro, surge da necessidade de resolução para um problema imediato do emprego, quando o empregador ou o poder de tutela do empregador não deseja encarregar-se da instalação e da manutenção social de um excesso de população correspondente à necessidade de força de trabalho.

Dentro desse contexto, o presente trabalho tem como problema de pesquisa: O que leva os jovens do município de Jacuizinho a migrarem para cidades maiores e quais os reflexos desta migração, para a economia e o desenvolvimento do município? Partindo destas questões, formulou-se o seguinte objetivo: identificar os motivos que tem levado os jovens a migrar do município de Jacuizinho para cidades maiores, bem como os reflexos causados por este fenômeno, dimensionando as tendências das migrações dos jovens no município de Jacuizinho.

O trabalho está dividido em cinco seções, sendo que na primeira está a introdução, que apresenta o problema de pesquisa, a justificativa e os objetivos da pesquisa, na segunda parte está o referencial teórico, retratando autores que identificam a migração e fatores migratórios, bem como as possíveis razões destas migrações, os fatores globais e tendências histórico-políticas. Na terceira seção, está descrita a metodologia, explicitando como o trabalho será desenvolvido e quais os instrumentos utilizados, na quarta parte estão os resultados do

questionário aplicado na pesquisa, que apresenta graficamente os dados tabulados, relacionando-os com a bibliografia pesquisada. Já na quinta parte estão as conclusões acerca do estudo feito, bem como as sugestões propostas como indicativos também para possíveis projetos da gestão pública municipal.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Hoje, vive-se em uma sociedade em constante transformação onde se almejam os interesses e num paradoxo busca-se a formação profissional e o bem estar social do indivíduo. Percorrendo tal caminho, as transformações e renovações são constantes e voláteis, além da rapidez que as informações são difundidas, com possibilidade de alterar a visão de sociedade. Este cenário sócio-político-econômico mostra-se voltado para um novo olhar do cidadão frente ao seu lugar nesta sociedade.

Para reforçar a ideia inicial, explicam-se tais conceitos, principalmente, os que dizem respeito à migração, fazendo-nos refletir sobre a situação do jovem atual nesse processo de desterritorialização. Sendo assim, nas palavras de Pastore (1979), a formação da sociedade urbano-industrial brasileira desde o século XX foi acompanhada de um intenso processo de mobilidade social ascendente. O processo de industrialização, marcou o início da classe média no Brasil, vagas bem remuneradas, passaram a fazer parte do cotidiano dos chefes de família; o expressivo aumento de empregos e a decorrente ampliação das atividades comerciais, alavancaram o crescimento das cidades brasileiras, entrava em decadência a zona rural, a população do interior, migrava para as cidades em busca de estabilidade financeira e conforto.

Tais transformações vêm ocorrendo com o passar do tempo; por um lado, o desenvolvimento e crescimento dos grandes centros, de outro, a migração interna principalmente dos jovens nos municípios pequenos. Esse contexto contraditório muitas vezes surge devido ao fato de faltarem possibilidades ou expectativas de condições melhores de vida. Independente da classe social, o que se percebe, é a estratégia de sobrevivência acarretando em fatores geográficos e ocupacionais. Estudando a vinculação entre mobilidade e estratégia ressalta-se que:

Do ponto de vista de prestígio ocupacional, existe um consenso em termos de se visualizar a mudança de emprego urbano como uma promoção para o indivíduo ou grupo. A proeminência dos valores urbanos na civilização moderna, difundida pelos meios de comunicação de massa, reforça essa perspectiva. Ela é endossada pelos

informantes desta pesquisa, especialmente aqueles que estão há mais tempo na cidade. Para estes, a perspectiva de tornar a residir no campo ou empregar-se no setor agrícola representa um retrocesso inadmissível. Mas não é improvável que esta percepção de uma situação de fato que independe da vontade do indivíduo de progredir no setor agrícola, alcançando a propriedade da terra, encontrando empregos bem como remunerados ou tendo um acréscimo de renda significativo, o indivíduo passaria a valorizar o trabalho urbano como uma alternativa viável de sobrevivência e como, remota de ascensão social. Não se pode esquecer que muitos fenômenos de êxodo rural são determinados por fatores de expulsão (BIANCHI, 1983, p.75).

A exclusão social é um dos principais marcos do processo de urbanização das cidades, a qual apresenta uma visão econômica capitalista, pois acaba empurrando os mais pobres para áreas de menor valor econômico, ou seja, essas áreas são denominadas áreas de riscos, sem serviços e infraestrutura adequada. Entretanto, acaba acarretando que essas pessoas ocupem áreas livres implicando em um maior problema na parte sócio-ambiental das cidades (FERREIRA, 2005).

Devido aos inúmeros processos de urbanização e as desigualdades sociais, grandes centros tornam-se populosos e enfrentam sérios problemas, enquanto que pequenas cidades se deparam com um retrocesso em seu crescimento relacionado a fatores de desajustes no que o indivíduo busca, no que se quer e o que seu lugar tem para oferecer.

Santos(1993), afirma que o acesso ao desenvolvimento social, econômico e cultural, atinge a toda a população, independente da localização ou dos espaços geográficos, visto que as informações globalizadas, tem sido muito rápidas. O que antes poderia ser diacrônico, hoje é sincrônico, as informações não são privilégio das metrópoles, a tecnologia dissemina o conhecimento e as possibilidades para todo o continente.

No entanto nas pequenas cidades, o acesso ao progresso, possibilitado pelas informações e conhecimento, nem sempre é fato, visto que apesar de as cidades pequenas se tornarem independentes politicamente, nem sempre dispõem de todos os recursos financeiros necessários, inclusive para o jovem, que em seus anseios busca percorrer um caminho de crescimento pessoal e profissional.

Conforme Saquet (2004), a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, na igreja, na escola, entre outros. Este é o resultado e condição do processo de produção de cada território, de cada lugar. A territorialidade é cotidiana, e as relações desta são múltiplas; neste contexto os territórios também o são, revelando a complexidade social e ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico.

Os espaços geográficos vão se constituindo de maneira nem tão uniforme, e as relações sócio-político-econômicas determinam o crescimento e o desenvolvimento de cada território. Lugares menos industrializados nem sempre chegam a um desenvolvimento considerável e os fatores de má distribuição de renda e população refletem diretamente nessa

perspectiva. Analisando o conceito desenvolvido por Moreira (2006), percebe-se que este faz referência a um espaço diferenciado, o qual supera uma lógica anterior transformando um território de exploração, em um território de esperança. Salienta o autor:

(...) um território novo, construído com base na utopia e na esperança, “Território de Esperança”, “Território de Solidariedade” e também, parafraseando Félix Guattari, “Território de Desejo”, carregado de contradições, mas também de sinalizações de uma forma experienciada de organização social diferente daquela marcada pela subordinação, pela dominação, pela bestialidade da exploração. Desse modo, “Território de Esperança” representa a superação do “Território de Exploração” gestado no semi-árido, desde o período colonial, e que tinha como marcas maiores a concentração fundiária, a subordinação do trabalho, a dependência cultural e política dos trabalhadores e pequenos produtores aos “coronéis”. Trata-se, na verdade, de uma forma experienciada de organização social singular, de ordem “da sensibilidade pessoal ou da criação, da invenção de um outro modo de relação social, de uma outra concepção do trabalho social, da cultura, etc.” (GUATTARI e ROLNICK 1986:281). Território em movimento, vivo, que experiência um processo contínuo de (re) criação, (re) definição, (re) delimitação. Território inacabado, por conseguinte, sujeito a contradições, avanços, retrocessos, ganhos e perdas (MOREIRA, 2006, p.76).

Os grandes problemas que vem afetando as metrópoles do país têm sido identificados como a falta de planejamento, sendo que essas cidades não são planejadas e sim, desequilibradas e caóticas. Não que se trate de uma ausência de planejamento, mas sim de uma interação perversa entre processos sócio-econômicos, ou seja, promovem-se opções de planejamento, políticas públicas e práticas públicas que possam oferecer ganho a muitos, no entanto, a aplicação acontece de maneira excludente, por falta de planejamento participativo, de avaliar os indicadores para uma gestão coerente, acompanhamento e avaliação, ocorrendo que muitos perdem e pouquíssimos ganham (ROLNIK, 2005).

Quando se pensa em políticas públicas, o olhar deve ser amplo e abrangente percebendo os diversos impactos na sociedade civil. Crescer e criar condições para o desenvolvimento dos habitantes de um lugar vai muito além de criar meios de sobrevivência em cidades e municípios pequenos.

Todas as cidades, segundo Santos (1993), exibem problemáticas parecidas, todas possuem problemas, como os do emprego, dos transportes, do lazer, da habitação, de saneamento básico, dos serviços essenciais, o que muda de uma cidade para outra é o tamanho. Nas cidades maiores os problemas são mais visíveis, visto que atingem a uma proporção maior de população, no entanto a urbanização, enfrenta problemas, desde a sua implantação, no processo de industrialização mundial.

Como diz o autor, nas cidades pequenas os problemas quase são os mesmos, porém é a falta de expectativa de vida ou de planos de ação, que corroboram para o processo

migratório. As pessoas migram destas para cidades maiores, refletindo no crescimento desenfreado e sem planejamento, e provavelmente engrossando as ocupações irregulares e em áreas de risco, o que contribui para o aumento das desigualdades sociais e da violência urbana.

O processo de urbanização tornou-se mais intensa no século XXI, com o surgimento da urbanização corporativa, isto é, empreendida sob o comando dos interesses das grandes firmas, em sua maioria, multinacionais. Esse fenômeno constitui-se em um receptáculo das consequências de uma expansão capitalista devorante dos recursos públicos, uma vez que estes são orientados para os investimentos econômicos, em detrimento das despesas com o social (SANTOS, 1993).

Enfatizar um problema ou outro não é a solução, mas nortear as ações e estudos que explicam tais fatores cria oportunidades de entender como se faz essa dialógica migratória de campo-cidade, cidade-cidade. Ainda Fernandes (2008), ao discutir a necessidade de pensar um modelo de desenvolvimento territorial expõe que:

Que se diferencie da tendência geral dos governos de pensarem na perspectiva do agronegócio como um modelo o qual é posto de forma a ser seguido pela agricultura camponesa, afirma que “o desenvolvimento territorial e a reforma agrária devem estar contidos no conjunto de interesses dos diferentes tipos de camponeses e, no que se refere à reforma agrária, pensar os projetos de assentamento como territórios (FERNANDES,2008, p.297).

A maioria dos jovens que estão nos pequenos municípios reside no campo, e isto marcado pela falta de oportunidades de trabalho, de estudo, baixa renda familiar, associados a períodos em que as dificuldades de sobrevivência se intensificam, ocasionando a migração para outros municípios, ou cidades maiores, às vezes, ainda que temporariamente.

A falta de incentivo, difícil acesso aos meios de desenvolvimento profissional e a busca por uma melhor condição de vida faz com que esses jovens partam em busca de crescimento, mas muitos com intuito de voltar e ajudar no progresso familiar. Sobre essa rede social Beaujeu-Garnier (1974, p. 254) afirma que, “quando a notícia do filho ou do amigo que partiu é boa, o movimento migratório propaga-se e muitos indivíduos migram por nenhum outro motivo senão o oriundo do sentimento de companheirismo, que une família ou amigos, ou simplesmente o do exemplo dado pelo primeiro a deixar a terra natal”.

Muitas vezes há uma ilusão nessa migração demasiada, nem sempre a prosperidade esperada acontece, pois o emprego, o bom salário, as melhorias no poder aquisitivo, podem não tornar-se realidade, ocasionando em ciclo vicioso de desolação, que amplifica a falta de

novas perspectivas de vida. Segundo Pires (2003), “é óbvio, as populações não migram sem que tenham razões para tal. Tem de haver uma motivação para que estas abandonem a comunidade de origem, mas também há fatores influentes, no local de imigração, que atraem os migrantes. É, pois, importante perceber o que “empurra” alguém do local de origem e o que o atrai no local de destino”.

Assim, migrar é um processo de decisão própria, mas reflexo de uma má estruturação e desorganização dos planos gestores que gerem as cidades pequenas. Ou seja, o que se pode oferecer para que o cidadão, para que o jovem do campo ou cidade fixe suas raízes no seu ambiente materno e com isso cresça e produza tanto como profissional ou como ser humano?

A migração é o resultado de decisões individuais ou familiares, mas também faz parte de um processo social. Em termos econômicos, a migração é tanto um fenômeno mundial como o comércio de mercadorias ou de bens manufaturados. Designa o movimento das populações, mas faz parte de um modelo mais vasto e é um sinal de relações econômicas, sociais e culturais em transformação.

Ocorre também uma ineficácia e a inadequação dos instrumentos de planeamento e gestão urbana podem contribuir para o estabelecimento de padrões irregulares e informais de ocupação e urbanização, em especial dos segmentos mais pobres da população, com a introdução de grandes valores imobiliários em áreas consideradas regulares com boa qualidade de vida e toda a infraestrutura adequada como consequência os mais pobres são obrigados a se migrarem para lugares caracterizados como fundo de vale e áreas de preservação ambiental constituindo as ocupações irregulares. (MOTTA, 2006, p.5)

Sendo uma característica, essa inadequação de planeamento e gestão torna-se acessível ou cabível de organizações formais e provenientes de fatores sociais. Custos altos e desigualdades de recursos fazem de certa forma, uma exclusão nos setores. De acordo com Rolnik(2005), a exclusão da sociedade que vivencia os problemas cotidianos, fez com que os especialistas ou técnicos decidissem os parâmetros de cidade organizada, desta forma, situações simples deixam de ser atendidas, em prol de um desenvolvimento em blocos estanques, constituídas a partir de planos e leis urbanísticas que refletem a maneira como as elites se instalam e determinam a vida urbana. O reflexo disto é a desigualdade, afetando de maneira negativa a todos os setores sociais, empurrando o cidadão urbano, das classes menos favorecidas para realidades de marginalização.

A migração para cidades maiores é um fator social, que tem reflexos no indivíduo na forma de estabelecer um complexo emaranhado de ações que traduzem as diversas teorias de relações, humanas e sociais, do que se busca e de onde pode encontrar tais soluções para

suprir as necessidades de crescimento individual e coletivo. Para Haesbaert (2006, p. 246), “a migração pode ser vista como um processo em diversos níveis de desreterritorialização”, pois só irá existir desterritorialização com territorialização.

Os migrantes não se constituem um grupo homogêneo, além das diferentes categorias de migrações como, a mobilidade pelo trabalho, política, cultural ou ambiental. Mesmo as migrações por motivações econômicas não se dão da mesma forma, tantas são as formas que este tipo de migração assume quanto forem os tipos de grupos sociais que realizam este tipo de mobilidade. Podem ser indivíduos em busca de melhores condições de trabalho e/ou melhor remuneração e até mesmo aqueles em condições econômicas mais favoráveis, que deixam o seu lugar de origem para investir capital em outros territórios. Dessa forma a migração assume níveis de desterritorialização diferentes e isto se torna complexo perpassando por vários níveis que vão desde a vinculação com o território até a manutenção da sua identidade cultural. A migração pode ser vista até mesmo como uma forma de se buscar a territorialização. Nesse caso o autor apresenta o exemplo dos agricultores e indígenas, que expropriados de suas terras, no movimento buscam territórios para sua sobrevivência enquanto grupo. (HAESBAERT, 2006, p.246)

Ainda, seguindo o pensamento de Haesbaert (2006, p. 247), “os indivíduos migram para encontrar terras que possam utilizar (dimensão econômico-funcional do território) e através das quais possam reconstruir ou manifestar sua identidade cultural (dimensão simbólica ou expressiva do território)”.

Essa mobilidade de migração por diversas motivações vem de encontro com as necessidades pessoais e, contudo, volta-se para um novo parâmetro de socialização. Sendo assim, estes indivíduos na busca de novos espaços para sua reprodução social e cultural não se desterritorializam completamente. Haesbaert (2006) menciona que “ele se reterritorializa pela desterritorialização, ou, em outras palavras, sua territorialidade é construída na própria mobilidade espacial”.

Essa mobilidade social fica clara em um ambiente revolucionário e as perspectivas devem ser repensadas para um plano gestor coerente. Conforme Santos (1997, p. 263), “quando um homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação”. Ou seja, por mais que a migração é um fato de busca pelas melhores condições de vida, o lugar materno sempre será o objetivo final dessa busca, no qual o indivíduo aplique seus conhecimentos e seus projetos de vida com intuito de investir seus ganhos e experiências para o crescimento e desenvolvimento.

2.1 O Município de Jacuizinho

O Município de Jacuizinho está situado no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, tem uma área de 315,67 km², localizado a 10 quilômetros, da BR/RS 481, e VRS 318. Jacuizinho, em 1958, já era Distrito de Passo Fundo, Soledade, Espumoso e por último de Salto do Jacuí, do qual se desmembrou; sua criação, deu-se em 16 de abril de 1996, pela Lei Estadual nº 10.757, sendo instalado oficialmente, em Janeiro de 2001.

A colonização do município deu-se no ano de 1877, quando fixaram residências na localidade, então distrito de Soledade, famílias descendentes de açorianos, alemães, espanhóis, italianos e negros, provenientes de localidades vizinhas, como Santa Cruz do Sul, Cruz Alta, Soledade, Cachoeira do Sul e outras. A origem do nome, é em homenagem ao rio que atravessa a cidade, sendo uma das belezas naturais do município, o qual também é um dos principais afluentes do Rio Jacuí. Esse cenário histórico- cultural descortina na Igreja Menino Deus, construída em 1883 e que ainda mantém a antiga arquitetura. Em seu altar está a imagem do Menino Jesus, esculpida em madeira, trazida para a localidade em 1880, pelos viajantes que comercializavam produtos de São Paulo.

Entre outros fatos marcantes, está a história dos Monges Barbudos (1930), os quais pregavam suas crenças, fazendo muitos adeptos, principalmente entre os “caboclos, colonos; o movimento também envolveu seguidores dos municípios de Tunas, Arroio do Tigre, Sobradinho e Lagoão. Na metade do século passado Os militares (Cachoeira do Sul e Santa Maria), dissolveram, o grupo organizado, de forma bastante violenta; descendentes dos monges barbudos, fixaram residência no atual Distrito de Rincão dos Costas.

A população atual, segundo senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012), de 2010 é de 2.507 habitantes. Na Tabela 1, é exposta a população do município de Jacuizinho considerando as faixas etárias referentes a pesquisa.

Tabela 1 - Faixa etária de 15 a 29 anos, população Rural, Urbana, Homens e Mulheres.

Faixa etária	Rural	Urbana	Homens	Mulheres	População
Entre 15-19 anos	167	55	109	113	222 – 38,%
Entre 20 -24 anos	119	54	78	95	173 – 30%
Entre 25-29 anos	155	33	105	80	188 – 32,5%
Total	441	142	292	291	583

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2012)

Os dados acima mostram que o número de homens e mulheres com faixa etária entre 15 e 29 anos é praticamente igual, e que o município possui um número maior de jovens morando na zona rural e que o maior percentual de jovens está na faixa de 15 a 19 anos.

A base da Economia do município é a agricultura, com cultivo de grãos (soja, trigo e milho) nas médias e grandes propriedades, e o cultivo do fumo, pelos pequenos produtores, além da criação de bovinos de corte, em campos nativos e pastagens cultivadas (aveia e azevem), no período de entre safras (inverno) e bovinos para a produção de leite, sendo que as culturas diversificadas, ainda são pouco difundidas no município.

A arrecadação do município de Jacuizinho, oriunda basicamente da agricultura é potencialmente baixa, e não apresentou crescimento, nos últimos anos. O comércio local é deficiente nos serviços básicos e a falta de empresas privadas que invistam no município, contribuem para a permanência desta realidade. De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Municipal das Finanças e Planejamento, da prefeitura Municipal, a arrecadação do Município de Jacuizinho no trimestre entre 2010 e 2012, constituiu-se basicamente das receitas oriundas dos recursos federais (ver Tabela 2).

Tabela 2 - Arrecadação do município, repasses e receita própria(2010-2011-2012).

Recurso/fonte	2010	2011	2012
Arrecadação total	R\$ 8.106.106,30	R\$ 8.656.11,82	R\$ 8.004.101,90
Recursos Federais	R\$ 5.556.234,49	R\$ 6.061.178,66	R\$ 5.808.038,77
Recursos Estaduais	R\$ 2.086.839,36	R\$ 2.142.374,68	R\$ 1.774.182,77
Recursos Próprios	R\$ 462.972,45	R\$ 452.552,53	R\$ 421.820,36

Fonte: Prefeitura Municipal de Jacuizinho, 2012.

O município de Jacuizinho, ainda jovem, está em sua terceira gestão Político-administrativa, e a prefeitura municipal é a principal empregadora. Atualmente, o quadro de funcionários, efetivos e cargos em comissão, é de cento e cinquenta e seis pessoas.

As empresas privadas instaladas no município, são receptoras de cereais (COAGRISOL e GRANDESPE), comportam dez funcionários permanentes e em torno de vinte, no período da colheita, quando do recebimento dos grãos.

Em 2007, Jacuizinho implantou um Polo da Universidade Aberta do Brasil, buscando atender a população local e regional em Ensino Superior, até então, deficiente. De acordo com dados fornecidos pela coordenação do referido polo, estão matriculados 213 acadêmicos em seis cursos ativos, cinco graduações: Administração, Contábeis, Economia, (UFSC), Educação no Campo e Letras Espanhol (UFPEL) e uma Especialização em Gestão Pública Municipal (UFSM). No primeiro semestre de 2012, formaram-se bacharéis, pela Universidade

Federal de Santa Catarina, quarenta e dois acadêmicos, destes formandos, 11,9% (cinco alunos) são do município.

As atividades voltadas ao lazer se restringem bastante às festas campeiras e gauchescas, com os chamados rodeios, geralmente com duração de três dias, onde se envolvem os laçadores e também as famílias, que fazem seus acampamentos junto ao parque dos rodeios, cultivando as tradições gaúchas. Desde 2008, anualmente, acontece a Romaria Tradicionalista do Brasil, que é a festa típica do município. O evento ocorre no mês de outubro, envolvendo os Centro de Tradições Gaúchas e a comunidade religiosa; a festa também é em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil e protetora do município, segundo moção da Câmara de Vereadores de Jacuizinho.

3 MÉTODO

3.1 Abordagem conceitual

No presente trabalho é realizada uma pesquisa a qual está baseada no método qualitativo, método que se preocupa com a medição dos dados. Porém, o método qualitativo não emprega a teoria estatística para medir ou enumerar os fatos estudados. Preocupa-se sim, em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados.

Alves (1991) enfatiza que o pesquisador pode e deve elaborar um projeto norteador dos passos da investigação. Esse projeto pode ter maior ou menor estruturação. No planejamento da pesquisa, é necessário estabelecer técnicas da coleta e análise de dados, prevendo os materiais necessários e o armazenamento de informações obtidas. O pesquisador precisa levantar os possíveis locais e sujeitos que lhe fornecerão as informações pretendidas e organizar o tempo e os limites para realização de estudo.

Esse processo de coleta de dados qualitativos se apresenta no presente trabalho, em forma de aplicação de questionário, o qual se encontra em anexo, o qual procurou coletar informações necessárias para análise da realidade dos jovens do município.

3.2 Abordagem quantitativa, população e amostra

Foram aplicados questionários, de forma aleatória, para jovens do município de Jacuizinho, buscando conhecer as causas da migração. De acordo com o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população, na faixa entre 15 e 29 anos, do município é de 583 (quinhentos e oitenta e três). A partir desta faixa etária foi estimada a população amostrada, a qual totalizou 112 (cento e doze) questionários. Deste total foram questionados 56 (cinquenta e seis) em jovens residentes no município e 56 (cinquenta e seis) em jovens que migraram para outros municípios, identificando 50% (cinquenta por cento) para cada amostra da população da pesquisa. Essa definição foi aleatória, uma vez que não se encontram informações oficiais sobre o número de jovens que residem fora do município. Para a obtenção da população amostral, fez-se uso da expressão em (1).

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)} \quad (1)$$

em que n é a amostra calculada, N é a população, Z é a variável normal padronizada associada ao nível de confiança, p é a verdadeira probabilidade do evento e e é o erro amostral.

Considerando que são 583 habitantes na faixa entre 15 e 29 anos, aplicou-se a expressão, com percentual de erro amostral de 5%, em um nível de confiança de 95%, e percentual mínimo de 15%. Assim estabeleceu-se o chegou-se ao total 112 questionários.

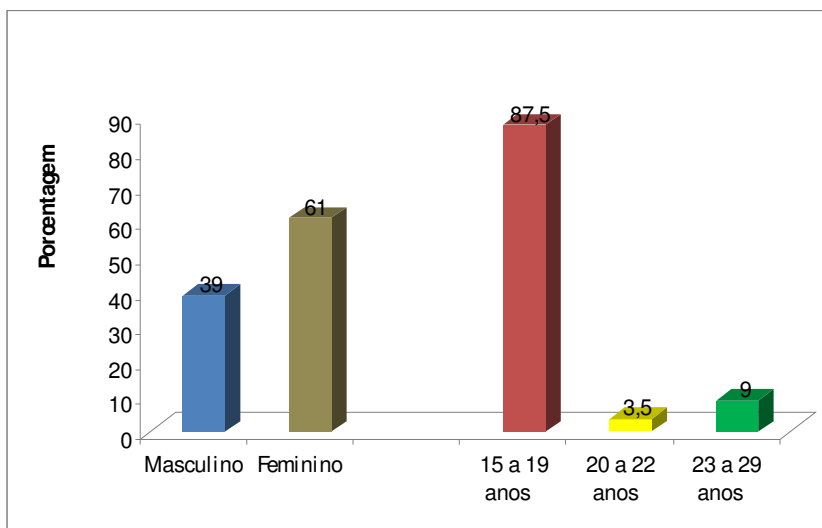
Quanto ao instrumento, as questões formuladas foram divididas nos seguintes blocos: a) identificação; b) escolaridade; c) renda, e; d) fatores migratórios. No questionário aplicado aos jovens que migraram do município a pergunta “Quais os motivos que *levariam* você a migrar do município de Jacuizinho para outra cidade?”, foi aplicada com essa redação “Quais os motivos que *levaram* você a migrar do município de Jacuizinho para outra cidade?” Na seção seguinte são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir da metodologia proposta.

4 RESULTADOS

Como os questionários foram aplicados em jovens residentes no município e jovens que estão residindo fora do município, dividiram-se as análises em duas seções, para melhor discutir os resultados.

4.1 Respostas dos Residentes no Município de Jacuizinho

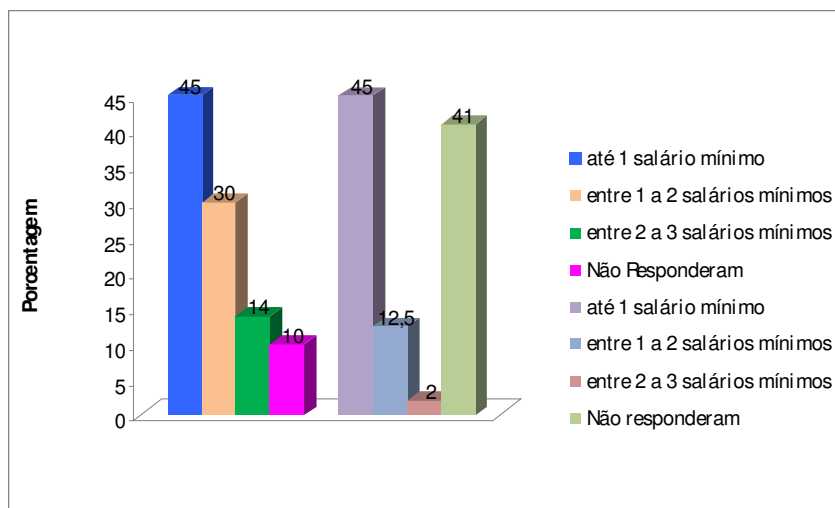
Dentre os entrevistados residentes no município de Jacuizinho, 39% são do sexo masculino, 61% são do sexo feminino. Destes, 87,5% destes estão na faixa etária entre 15 a 19 anos, 3,5% tem entre 20 e 22 anos e 9% têm entre 23 e 29 anos.



Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.

Figura 1 – Sexo e faixa etária dos entrevistados.

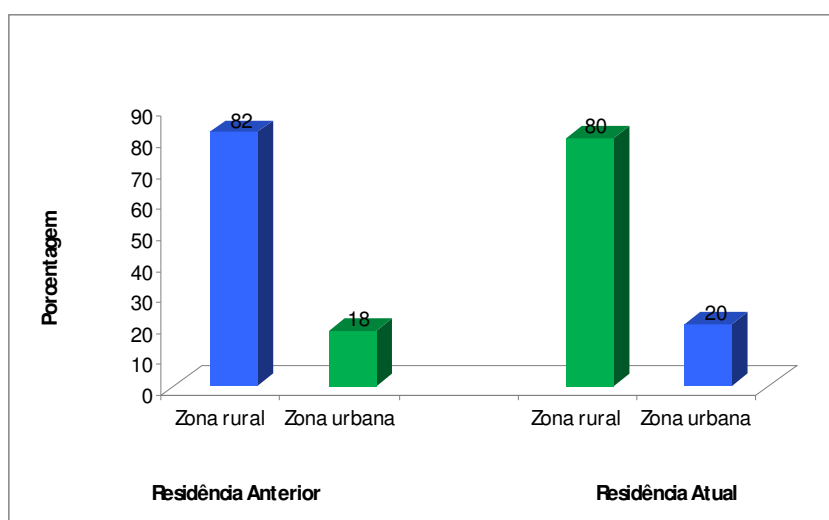
Em relação a renda, a maioria (45%) respondeu tanto para renda familiar quanto para individual que possui renda de até um salário mínimo (Figura 2); 30% informou ter renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos; 14% disse ter renda familiar entre 2 e 3 salários mínimos e 10% não responderam essa questão. Quando perguntados sobre a renda individual, 12,5% responderam receber entre 1 e 2 salários mínimos, 2% entre 2 e 3 salários mínimos e 41% dos entrevistados não responderam essa pergunta. Acredita-se que este fato se deve a maioria destes estar na faixa etária de 15 a 19 anos, em idade escolar, morando com os pais e sem renda fixa.



Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.

Figura 2 – Renda familiar e individual

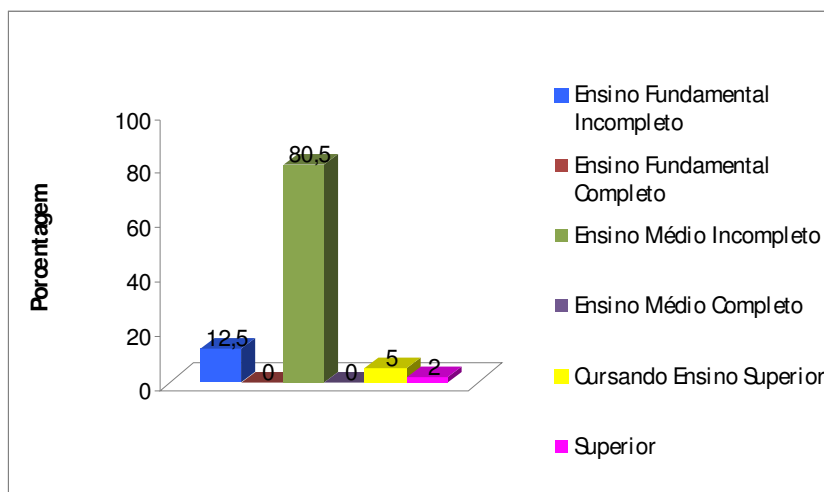
A Figura 3 apresenta os resultados referentes à questão que informa a residência anterior e atual, para a qual 82% responderam que moravam na zona rural, 18% responderam que residem na zona urbana (Figura 3). Sobre a residência atual, 80% permanecem na zona rural e 20% moram na zona urbana.



Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.

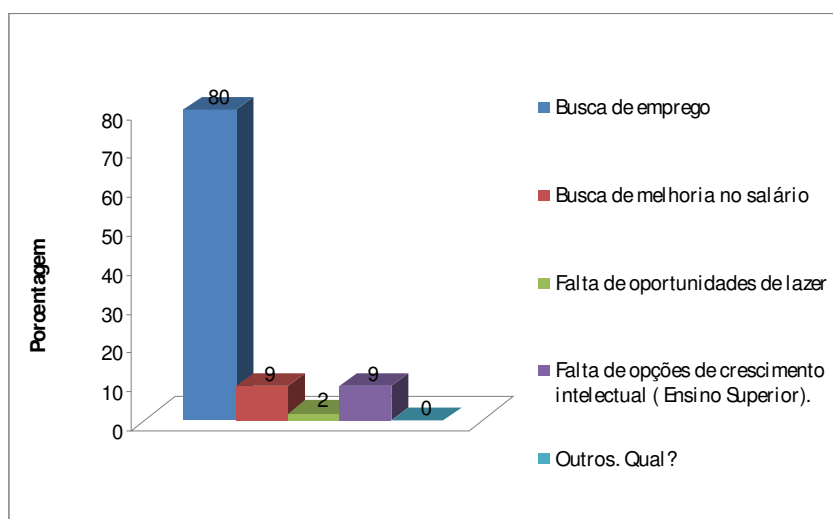
Figura 3 – Renda anterior e atual

No que se refere a escolaridade dos entrevistados, cerca de 80% possuem nível médio incompleto, 12,5% no nível fundamental incompleto, 5% estão cursando ensino superior e 2% têm ensino superior (Figura 4).



Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.
 Figura 4 – Nível de escolaridade

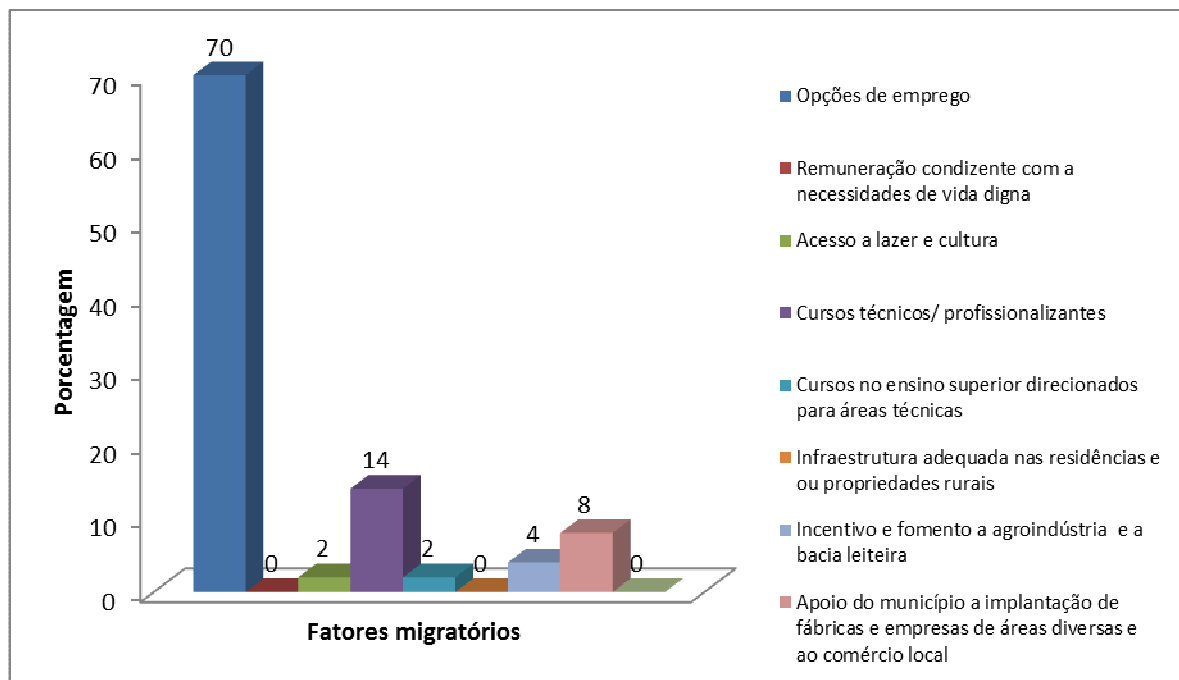
Quando questionados sobre o motivo que os levaria a migrar para outro município, conforme Figura 5, 80% respondeu que sairiam por motivos de emprego, 9% busca de melhores salários, 2% migrariam por falta de opções de lazer e 9% por falta de oportunidade de curso superior.



Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.
 Figura 5 – Motivos que levariam os entrevistados a migrar para outros municípios

Em caso de migração o que faria os entrevistados retornarem ao município. Para 70%, os motivos seriam as oportunidades de emprego; 14% responderam a oferta de cursos técnicos profissionalizantes, 8% disseram que seria o apoio do município a implantação de fábricas e

empresas de áreas diversas e ao comércio local e 4% respondeu o incentivo ao comércio e indústria local (Figura 6).



Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.

Figura 6 – O que faria você retornar ao município

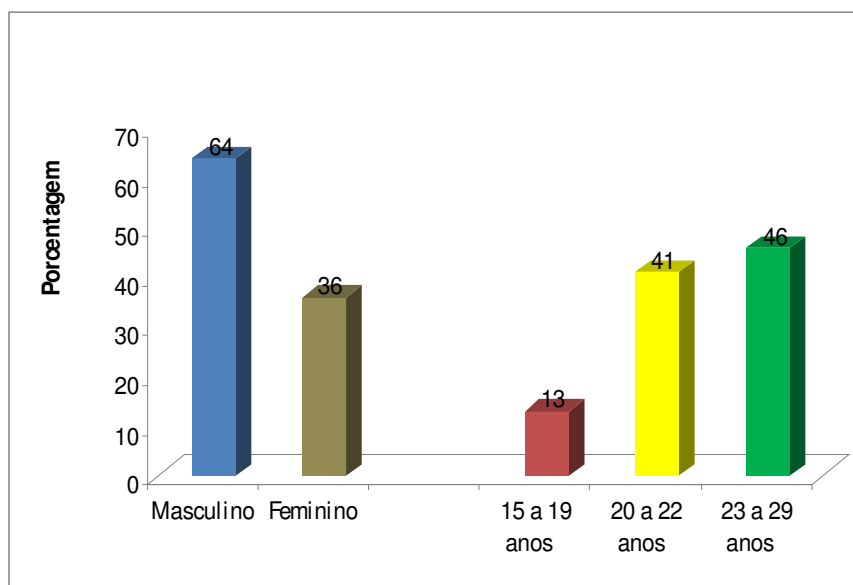
A partir dos resultados é possível afirmar que estes corroboram com pastore (1979), o qual coloca que a “formação da sociedade urbano industrial brasileira, desde o século XX foi acompanhada de um intenso processo de mobilidade social ascendente”, visto que os baixos índices de renda familiar e renda individual, praticamente direcionam para a busca de melhoria de vida e conforto, visto também que 80%, residem na zona rural e que sairiam de seu município em busca de emprego, o que de acordo com Bianchi (1983), o emprego na zona urbana, identifica-se como uma promoção ao indivíduo e a própria comunicação, difundida com muita rapidez e abrangência, reforça esta idéia de que com emprego e seu próprio salário, consegue-se acompanhar a evolução e adquirir produtos essenciais e os equipamentos acompanhando a revolução tecnológica.

Pode-se também perceber que maioria dos jovens entrevistados consideram a formação profissional e acadêmica importante e determinante para a permanência, junto aos seus familiares e neste caso em específico, trabalhando e desenvolvendo as propriedades rurais. Bianchi (1983), coloca ainda que a busca das cidades é endossada pelos que saíram e retornam, utilizando-se de produtos modernos e de consumo inacessíveis às condições

oferecidas pela zona rural, então os que migraram, não tem nenhum atrativo que os faça retornar e estabelecer moradia.

4.2 Respostas dos residentes fora do município

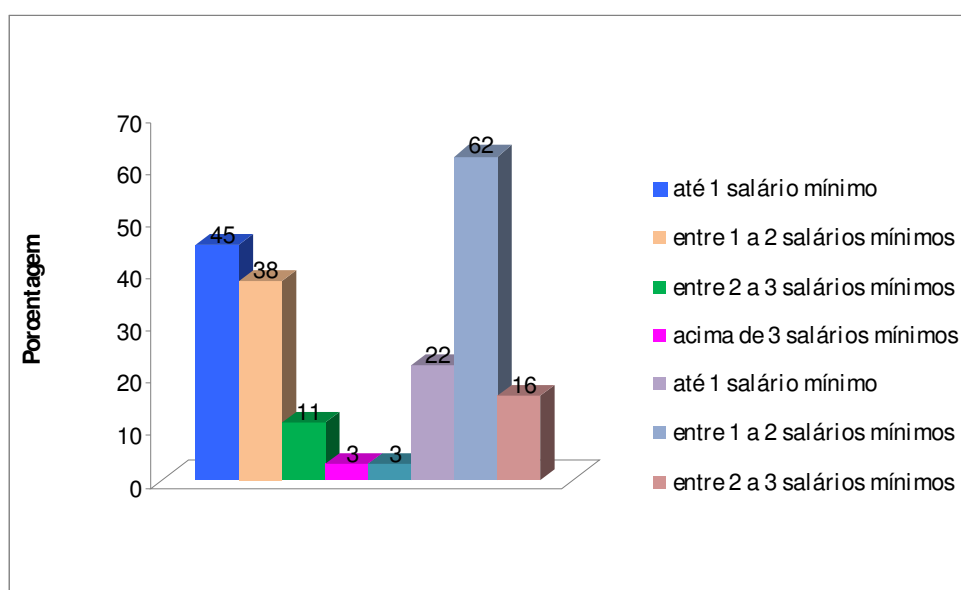
A segunda parte da análise consistiu em identificar os motivos que levaram os jovens migrar para outras regiões, considerando os jovens que atualmente não residem no município. Do total de cinquenta e seis questionários aplicados, 64% destes são do sexo masculino e 36% do sexo feminino, sendo que 46% estão na faixa etária entre 23 a 29 anos, 41% tem idade entre 20 e 22 anos e 13% entre 15 e 19 anos, conforme Figura 7. Este dado mostra que a maioria dos que migraram, estão na faixa entre 23 e 29 anos; o que demonstra a mobilidade para outras cidades, após a conclusão do Ensino Médio e os menores índices estão entre os mais jovens (15 a 19), que ainda estudam na Educação básica, ou aguardam a maioridade e portanto a emancipação.



Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.
Figura 7 – Sexo e faixa etária

A Figura 8 apresenta os resultados referentes à renda familiar. Do total de entrevistados, 45% declarou possuir renda de até 1 salário mínimo, para 38% a renda declarada está entre 1 e 2 salários mínimos, para 11%, a renda familiar está entre 2 e 3 salários, 3% declararam possuir renda acima de 3 salários e 3% acima de 7 salários mínimos. Quando analisada a renda individual, verificou-se que 62% ganham entre 1 e 2 salários mínimos e 16% entre 2 e 3 salários, 22% ganham até um salário mínimo, pela comparação

com a renda anterior e salientando que residiam em sua maioria na zona rural, os migrantes, não tiveram um aumento considerável de renda, pois 22% ainda ganham até um salário mínimo, e dependem apenas deste recurso para sua sobrevivência. Citamos aqui o que nos diz Motta (2006), a urbanização sem planejamento, desencadeou o processo de ocupações de áreas consideradas ilegais, ou de risco, como nas encostas, nas favelas, em vilas sem planejamento e sem a estrutura básica necessária, este é o cenário que conseqüentemente ocupam os que são obrigados a migrar e que não tem recursos para se estabelecer em áreas consideradas regulares e com boa qualidade de vida, ou seja os jovens saem para outras cidades e em sua maioria, continuam vivendo igual ou pior do que em sua terra mãe.



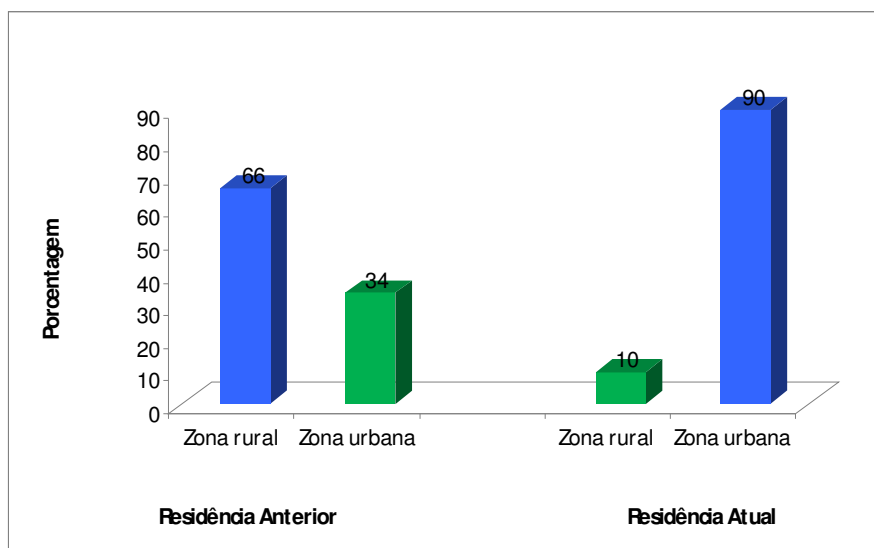
Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.

Figura 8 – Renda familiar e individual

Quando perguntados sobre a residência anterior, 66% residiam na zona rural e 34% na zona urbana. Já em relação à residência atual, 90% estão residindo na zona urbana e apenas 10% permaneceu na zona rural (ver Figura 9). A Figura 3 nos mostra que 80% dos jovens ainda estão no interior do município, já os que migraram estão em maioria na zona urbana, muitos que saíram foi em busca de emprego e apenas em centros maiores encontraram esta oportunidade.

O jovem migrante vislumbra, oportunidades de crescimento, uma vida melhor, e cidade parece ser o único caminho; mas sem preparação e sem formação acadêmica ou técnica, concorrem aos empregos secundários, geralmente como mão-de-obra desqualificada, em serviços braçais e até desumanos, ou ainda nos horários e em exposição prejudiciais a

saúde, o que ele só vai constatar com o passar dos anos. No entanto, o jovem não compreende, a extensão de um círculo vicioso de descaso e marginalização. Santos (1997), afirma que o homem, aliena-se, quando se depara com espaços que desconhece ou que não ajudou a criar, não entendendo a extensão daquilo que o cerca.

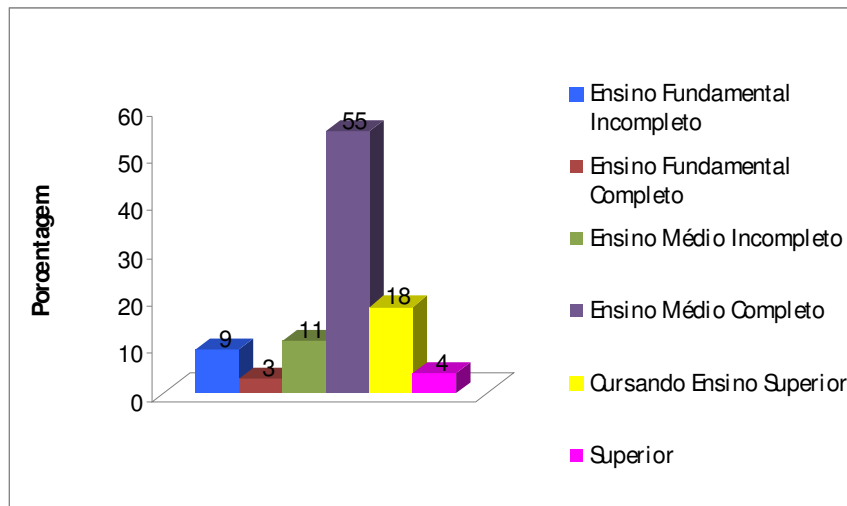


Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.

Figura 9 – Residência Anterior e Atual

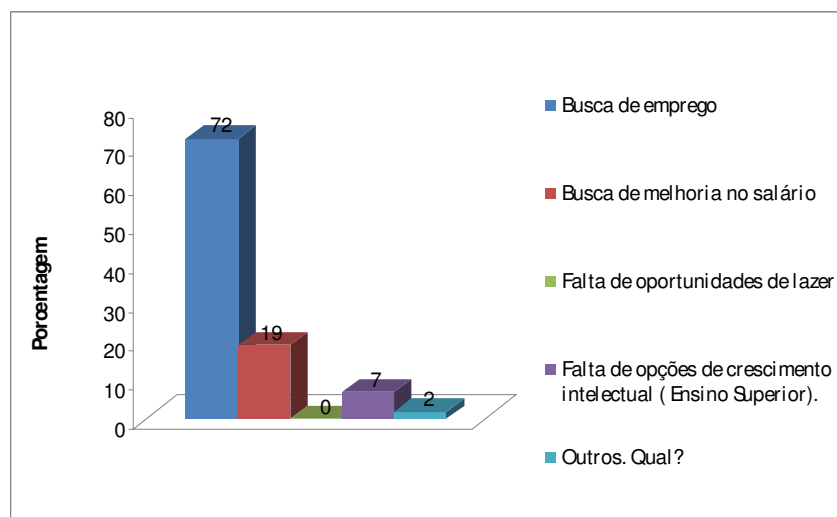
No que se refere ao nível de escolaridade, conforme Figura 10: 55% dos entrevistados declaram ter ensino médio completo, 18% estão cursando ensino superior, 11% possui ensino médio incompleto, 9% ensino fundamental incompleto, 3% possui ensino fundamental completo e apenas 4% possui ensino superior.

Em se tratando de preparação, os jovens entrevistados, revelam pelas suas respostas, que não estão aptos para o mercado de trabalho, e que apenas 18% estão cursando o ensino superior, apesar das facilidades de acesso pelos programas na atualidade, demonstrando também que, ou estão realmente desinteressados em se preparar ou estão em áreas, locais e horários que identificam a exclusão de possibilidades, ratificando Motta(1996), diz que os jovens saem e na maioria das vezes, nada melhorou em relação a sua realidade anterior.



Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.
 Figura 10 – Nível de escolaridade

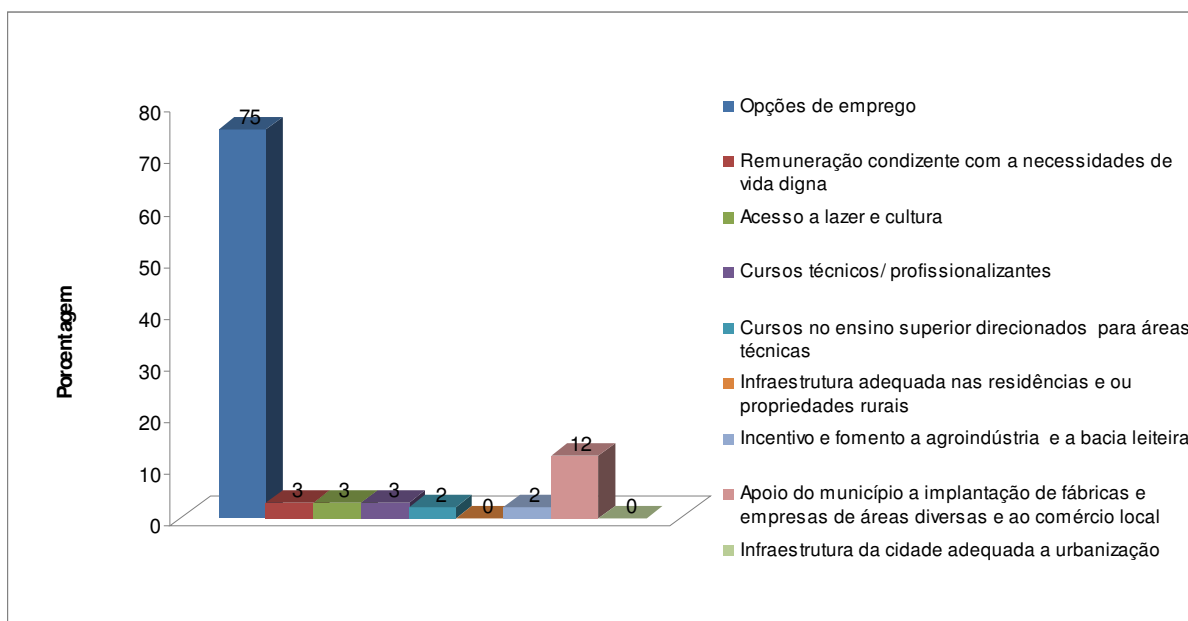
Quando questionados sobre os motivos da migração, 72% dos entrevistados declarou que a migração ocorreu com o objetivo de buscar de emprego, 19% na busca de melhoria salarial, 7% por falta do ensino superior e 2% informaram outro motivo, o qual foi citado a ida para servir o quartel. Estes resultados corroboram com o que foi apresentado na figura 5, pois os jovens que ainda não migraram responderam que o principal motivo que levaria a migração seria a busca de emprego (80% dos entrevistados).



Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pelo autor.
 Figura 11 – Motivos que levaram a migração

Quando questionados sobre o que faria voltar ao município, 75% responderam opções de emprego, o que vai de encontro com os motivos que os fizeram abandonar o município, 12% responderam apoio do município a implantação de fábricas e empresas de áreas diversas,

e os demais citaram outros motivos, conforme a Figura 12. A grande maioria dos entrevistados demonstrou interesse em voltar, desde que houvesse opções de emprego, isto demonstra uma insatisfação implícita, com a distância da família, dos amigos e da suas raízes, mas também não há uma demonstração de interesse em voltar para o trabalho na zona rural. Conforme Bianchi (1983) o emprego urbano, é visto também como uma promoção para o indivíduo e a perspectiva de voltar ao campo representaria um retrocesso, que aquele que migrou para a zona urbana não consegue conceber.



Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborada pela autora.

Figura 12 – O que faria você retornar ao município

Os resultados obtidos são confirmados pelas afirmações de Patarra *et al.* (1997), que diz ser comum nos dias atuais, a migração dos jovens de pequenas cidades para os grandes centros, porém não se tem pesquisas amostrais nos sentidos que indicam os reais motivos para esse fenômeno.

Analisando as respostas, dos jovens Jacuizinhenses que residem em outros municípios, pode-se perceber que os migrantes são em sua maioria, do sexo masculino e pela faixa etária questionada, percebe-se também que a maioria deles, conclui o ensino Médio, antes mudar para outro município, na busca pela sobrevivência. Segundo Pastore (1979), este quadro é explicável, visto que o Brasil passou a ser uma sociedade urbana, em decadência da zona rural e da produção agrícola, particularmente nas pequenas e médias propriedades, atingindo a todos os municípios brasileiros, fator determinante, é a renda individual, no entanto, pelas

respostas é possível observar que a renda continua sendo mínima, pois apenas 16% dos jovens percebem acima de dois salários mínimos.

Em se tratando da área, de onde migrou, a maioria entrevistada, saiu da zona rural do município e migrou para cidades maiores, até mesmo para a capital do estado, ratificando que é nos grandes centros onde estão as melhores oportunidades de emprego e salário, desde que haja formação profissional. De acordo com Santos (1993), os problemas enfrentados nas cidades maiores, são praticamente os mesmos, no entanto, a falta de expectativa de vida e de planos de ação, que desencadeiam o processo migratório.

Quando refere-se a possibilidade de retorno, para fixar moradia, os jovens questionados, responderam que esta possibilidade existe, mas que está vinculada ao aumento de possibilidades de emprego e de melhores salários, entende-se que as condições de vida atuais, devem ser mantidas para justificar o retorno definitivo ao município, todos os que saem mantêm seus laços territoriais e familiares. Assim destaca Santos (1997), “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação”. O autor corrobora com a idéia do retorno, que acompanha a trajetória dos migrantes que estão distante de suas origens.

5 CONCLUSÕES

O trabalho de pesquisa realizado, levantou dados relativos ao processo migratório entre jovens de 15 a 19 anos, do município de Jacuizinho, a partir de um questionário aplicado e de dados referenciais da bibliografia, consultada. No referencial teórico analisado, pudemos constatar que a migração é um processo global, e que a partir do século XX, com o crescimento da industrialização, as cidades tiveram um crescimento desorganizado, o que se intensificou na atualidade, influenciando na divisão das classes sociais e na marginalização. Este processo global, se reflete muito mais nos pequenos municípios, que acabam não crescendo e sem condições de investir para o bem do povo. A tabulação dos dados, nos permite concluir que em sua grande maioria, os jovens migram para cidades maiores em busca de oportunidades de emprego e remuneração satisfatória para as necessidades básicas, condições que não são encontradas, pois em sua maioria, percebem um salário relativamente baixo, em contraposição com o custo de vida, nas cidades maiores.

Os jovens migrantes são de forma maciça da zona rural, o que se justifica pela característica do município essencialmente agrícola, que também tem uma arrecadação baixa e basicamente provinda da agricultura. A zona rural do município é composta por pequenas e médias propriedades, área de poucos ou quase nenhum investimento e apoio financeiro, provenientes dos cofres públicos.

O município tem precariedade de infra-estrutura, sendo uma deficiência, as estradas e vias asfaltadas, dificultando o estabelecimento de empresas, que abram oportunidades de emprego, o que é destacado como uma condição para o retorno de jovens que estão em cidades maiores. Com relação ao ensino Superior, o município, apoia e investe a partir do polo da Universidade Aberta do Brasil, atendido por Instituições públicas, no entanto, este investimento não é suficiente para segurar o jovem junto a sua família, o qual sem recursos financeiros adequados para uma vida digna, acaba migrando em busca de alternativas, recaindo num círculo vicioso, despreparado e sem formação profissional, ocupa cargos secundários, com baixa remuneração, que nem sempre sustentam as necessidades básicas de uma vida digna.

No que se refere ao número de jovens, que migraram não há dados disponíveis nos senso do IBGE ou no próprio município, no entanto a população é de 2507 (censo 2010), e os eleitores, são de 2.325 (dados TRE-2012), por estes números pode-se afirmar que percentual de jovens que residem fora, é bastante elevado. A falta de incentivo e o difícil acesso aos meios de desenvolvimento profissional e uma melhor condição de vida faz com que esses jovens partam em busca de crescimento, mas muitos com intuito de voltar e ajudar no progresso, pois permanece em Jacuizinho, suas raízes, seu território materno ou sua família.

A migração sendo um problema mundial, demanda de ações políticas, sociais e econômicas de forma global, com o intuito de melhorar a vida em sociedade e a organização das metrópoles, nas quais os problemas se intensificam e cada vez mais a violência e a criminalidade, excluem e marginalizam a população menos favorecida. Sendo assim, sugerimos ações locais e emergenciais visando reduzir a migração dos jovens de Jacuizinho:

- Investimento em infraestrutura, tanto nas propriedades rurais, quanto na cidade;
- Ligação asfáltica à rodovias, que ligam as cidades maiores;
- Fomento à empresas para que se estabeleçam no município abrindo vagas para empregos;

- Apoio e financiamento público, permanente e rotativo; nas áreas de diversificação e das culturas alternativas;
- Incentivo e fomento para ampliação do comércio e de serviços;
- Valorização e capacitação da mão-de-obra local;
- Ampliar o número de cursos técnicos e cursos superiores no polo UAB

Espera-se que, o presente artigo, possa contribuir para o crescimento econômico, político e social do município de Jacuizinho, fazendo com que sua população permaneça na sua terra natal e contribua para o desenvolvimento local e regional.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n.77, p. 53-61, 1991.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia de população**. São Paulo: Ed. Nacional, 1974.

BIANCHI, A.M. **Mobilidade, estratégia de sobrevivência**. São Paulo: FIPE, 1983.

FERNANDES, B. M. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais**. In.: Revista Nera, Presidente Prudente Ano 8, N° 6 p.14-34, 2005. Disponível em: www.prudente.unesp.br/dgeo/nera..... **Entrando no território dos Territórios**. In: FABRINI, João Edmilson;

FERREIRA, D. F. **Impactos sócio-ambientais provocados pelas ocupações irregulares em áreas de interesse ambiental – Goiânia – GO**: Artigo (Pós-graduandos em Gestão Ambiental). Universidade Católica de Goiás, 2005.

GEORGE, P. **Geografia da População**. São Paulo: Difel, 1973.

HAESBAERT, R. **O mito da Desterritorialização: Do “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MOREIRA, E. **Territórios de Esperança. João Pessoa: Projeto de Pesquisa**. CNPq, 2006.

MOTTA, D. M. **Gestão do Uso do Solo Disfunções do Crescimento Urbano**, Volume 1: **multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PAULINO, E.T. (org.). **Campesinato e Territórios em disputa**. São Paulo, Expressão Popular, 2008.

PASTORE, J. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: T.A Queiroz, 1979.

_____. **Desigualdade e mobilidade social:** dez anos depois. In BACHA & KLEIN, H.A transição incompleta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PATARRA, N. **Dinâmica populacional e urbanização no Brasil:** o período pós-30. In FAUSTO, B. (org) História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo:Difel, 1978. III(4), p.249-268.

PIRES, R. P. P. *Migrações e integração: teoria e aplicações á sociedade portuguesa*. Oeiras: Celta Editora, SÃO PAULO 2003. ROLNIK , R. **Estatuto da cidade guia para implementação pelos municípios e cidadãos**, Brasília, 2005.

ROLNIK, R. **Estatuto da cidade guia para implementação pelos municípios e cidadãos**, Brasília, 2005.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**, São Paulo, 1993.

SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M. *O espaço dividido – Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, M. **O lugar e o cotidiano**. In.: **A natureza do espaço técnica e tempo razão e emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SAQUET, M. A. **O território: diferentes interpretações na literatura italiana**. In: RIBAS, Alexandre D; SPOSITO, Eliseu S; SAQUET, Marcos A. (org). Território e desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005. P. 121-148*subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. *Cálculo amostral*: calculadora on-line. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: [11/11/2012].

www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST33_Oliveira_texto.pdf

ANEXOS

Prezado

O presente questionário tem por objetivo a coleta de dados para a confecção do trabalho de pesquisa do curso de Especialização em Gestão Pública Municipal, da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM.

Acadêmica: Jaqueline Konzen de Oliveira

Polo/UAB: Jacuizinho-RS

Obrigada por sua colaboração. Ela é muito importante.

QUESTIONÁRIO PARA JOVENS DO MUNICÍPIO DE JACUZINHO/RS

1.DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo

1. Masculino

2. Feminino

Idade

1. de 15 a 19 anos

2. de 20 a 22 anos

3. de 23 a 29 anos

Renda Familiar:

1. até 1 salário mínimo

2. entre 1 a 2 salários mínimos

3. entre 2 a 3 salários mínimos

4. acima de 3 salários mínimos

5. entre 4 e 6 salários mínimos

6. acima de 7 salários mínimos

7. acima de 15 salários mínimos

Renda atual-individual:

1. até 1 salário mínimo

2. entre 1 a 2 salários mínimos

3. entre 2 a 3 salários mínimos

- 4. acima de 3 salários mínimos
- 5. entre 4 e 6 salários mínimos
- 6. acima de 7 salários mínimos
- 7 acima de 15 salários mínimos

Residência anterior

- Zona rural Zona urbana

Residência atual

- Zona rural Zona urbana

Município: _____

Nível de escolaridade:

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Cursando Ensino Superior.
- Superior

2. FATORES MIGRATÓRIOS

Quais os motivos que levariam você a migrar do município de Jacuizinho para outra cidade?

- Busca de emprego
- Busca de melhoria no salário
- Falta de oportunidades de lazer
- Falta de opções de crescimento intelectual (Ensino Superior).
- Outros. Qual?

O que faria com que você retornasse ao município (Jacuizinho)?

- Opções de emprego
- Remuneração condizente com a necessidades de vida digna

- () Acesso a lazer e cultura
- () Cursos técnicos/ profissionalizantes
- () Cursos no ensino superior direcionados para áreas técnicas
- () Infraestrutura adequada nas residências e ou propriedades rurais
- () Incentivo e fomento a agroindústria e a bacia leiteira
- () Apoio do município a implantação de fábricas e empresas de áreas diversas e ao comércio local
- () Infraestrutura da cidade adequada a urbanização